

Ensinar e Aprender no Ensino Superior

Por uma
epistemologia
da curiosidade
na formação
universitária

Antônio Teodoro
Maria Lucia Vasconcelos
ORGANIZADORES

José B. Duarte
Marcos T. Masetto
Óscar C. de Sousa

3ª edição



Ensinar e Aprender no Ensino Superior

Por uma
epistemologia
da curiosidade
na formação
universitária

3ª edição

Coleção AcadeMack, 13

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

REITOR Benedito Guimarães Aguiar Neto

VICE-REITOR Marcel Mendes

COORDENADORIA DE PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS

COORDENADORA Helena Bonito Couto Pereira

EDITORA DA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

CONSELHO EDITORIAL Helena Bonito Couto Pereira (Presidente)

José Francisco Siqueira Neto

Leila Figueiredo de Miranda

Luciano Silva

Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira

Maria Lucia Marcondes Carvalho Vasconcelos

Moises Ari Zilber

Valter Luís Caldana Júnior

Wilson do Amaral Filho

Ensinar e Aprender no Ensino Superior

Por uma
epistemologia
da curiosidade
na formação
universitária

3ª edição

Antônio Teodoro
Maria Lucia Vasconcelos
ORGANIZADORES

José B. Duarte
Marcos T. Masetto
Óscar C. de Sousa

3ª edição

© 2012 Antônio Teodoro e Maria Lucia Vasconcelos.

Todos os direitos reservados à Universidade Presbiteriana Mackenzie e à Cortez Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Joana Figueiredo
PROJETO DE CAPA E MIOLO Estação Design
DIAGRAMAÇÃO Estação Design
PREPARAÇÃO DE TEXTO Carlos Villarruel
REVISÃO Temas e Variações Editoriais

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ensinar e aprender no ensino superior : por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária / Antônio Teodoro, Maria Lucia Marcondes Carvalho Vasconcelos, (organizadores). -- 3. ed. -- São Paulo : Universidade Presbiteriana Mackenzie; Cortez, 2012. -- (Coleção academack ; v. 13)
ISBN 978-85-2491-995-4 (Cortez Editora)
ISBN 978-85-7916-134-6 (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Vários autores.

1. Aprendizagem 2. Ensino 3. Ensino superior
I. Teodoro, Antônio. II. Vasconcelos, Maria Lucia Marcondes Carvalho. III. Título: Por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária. IV. Série.

12-07140

CDD-378.001

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensino superior : Filosofia e teoria 378.001

**UNIVERSIDADE
PRESBITERIANA MACKENZIE**
Rua da Consolação, 930
Edifício João Calvino, 7º andar
São Paulo – SP – CEP: 01302-907
Tel.: (5511) 2114-8774/2114-8785
editora@mackenzie.com.br
www.editora.mackenzie.br

CORTEZ EDITORA
Rua Monte Alegre, 1074
São Paulo – SP – CEP: 05014-001
Tel.: (5511) 3864-0111
Fax (5511) 3864-4290
cortez@cortezeditora.com.br
www.cortezeditora.com.br

Como adquirir os livros:
Livraria Mackenzie
Campus Higienópolis
Rua Itambé, 45 – Prédio 19 – loja 1
São Paulo – SP – CEP 01239-001
Tel.: (5511) 2766-7027

Livraria Cortez
Rua Bartira, 317
São Paulo – SP – CEP: 05009-000
Tel.: (5511) 3873-7111
www.livrariacortez.com.br

SUMÁRIO

Apresentação

ANTÓNIO TEODORO e

MARIA LUCIA VASCONCELOS

7

1

Ensino superior: tendências e desafios
no caso português

ANTÓNIO TEODORO

13

2

Aprender e ensinar: significados e mediações

ÓSCAR C. DE SOUSA

35

3

Docência e autoridade no ensino superior:
uma introdução ao debate

MARIA LUCIA VASCONCELOS

61

4

Docência universitária: repensando a aula

MARCOS T. MASETTO

79

5

Participação ou tédio na universidade:

um modelo crítico *versus* um modelo dogmático

JOSÉ B. DUARTE

107

Índice

123

APRESENTAÇÃO

Os sistemas de educação não constituem os únicos espaços de formação e de produção de conhecimento. Entretanto, desde a construção dos modernos sistemas de educação de massas, iniciada na Europa, na transição do século XVIII para o XIX, a escola se tornou um espaço central de integração social e de formação para o trabalho. Num tempo histórico relativamente curto, a educação, de um obscuro domínio da vida familiar, tornou-se tema central nos debates políticos, em âmbitos nacional e internacional.

A massificação dos sistemas de educação tem promovido uma mudança de forma da escola. Escolarizar todos os jovens implica ter na escola todos os jovens com dificuldades sociais ou de aprendizagem, todos os jovens conflituosos e agressivos, todos os jovens de todas as culturas marginalizadas. Significa transportar para a escola a grande maioria dos problemas sociais, que, desse modo, tornam-se problemas escolares.

A escola para todos é uma conquista social dos ideais democráticos modernos, e ao abrir as suas portas a novos públicos es-

colares – não apenas no ensino primário, como o fez no passado, mas agora no ensino secundário ou médio e, progressiva mas aceleradamente, no ensino superior –, tornou-se uma realidade qualitativamente distinta. Todavia, os decisores políticos, os professores, os estudantes e as suas famílias, e a opinião pública em geral têm uma manifesta dificuldade em entender essa nova escola e lidar com ela.

A escola para todos vive uma dupla crise: de *regulação*, porque, em muitas situações, não cumpre o seu papel como agente de integração social; e de *emancipação*, porque não produz a mobilidade social aguardada por diversas camadas sociais para quem a frequência de um curso constituía a melhor ferramenta que podiam legar aos seus filhos. Tomar consciência dessa realidade implica que não se possa continuar a debater e a equacionar os problemas dos sistemas de educação de hoje, nomeadamente nos seus graus superiores, como se eles fossem frequentados apenas por uma elite social, cultural e econômica. Realizar esse corte com o passado de uma escola seletiva e de elite talvez seja o melhor contributo que aqueles que têm responsabilidades na formação de uma opinião pública esclarecida possa dar ao necessário aprofundamento do debate sobre os problemas da educação.

O modelo de escola de massas atual foi construído na base do princípio de *ensinar a muitos como se fosse a um só*. Durante anos e anos, professores e autoridades escolares procuraram encontrar os mais eficazes métodos de ensino e as melhores formas de organização, elegendo formas padronizadas de atuação: os métodos didáticos centrados em objetivos a serem alcançados por um *mítico aluno médio*, as formas padronizadas de organização do tempo e do espaço escolares, os programas nacionais, a taylorização do conhecimento,

as formas de avaliação centradas em exames externos aplicados uniformemente.

Mas pode a escola ser outra coisa? Pode a escola respeitar a diferença, continuando a bater-se pela igualdade?

Se entendermos que a construção da cidadania se faz na dialética entre a igualdade e a diferença – temos direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza, temos direito a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza –, também a escola (tendencialmente) para todos, frequentada por jovens provenientes de todos os meios sociais e culturais, precisa encontrar os meios e as estratégias de valorização dos percursos e das experiências de vida dos alunos, abandonando, definitivamente, a ideia mirífica de um aluno padrão, sobre a qual todas as estratégias organizacionais e didáticas têm, até agora, sido construídas.

Essas têm sido preocupações até há pouco restringidas aos ensinos de base, secundário ou médio. Mas a explosão da frequência no ensino superior, trazendo novos públicos à universidade, faz também com que esse setor do sistema de educação não fique imune a problemáticas e preocupações como as que são abordadas em *Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária*.

Como todas as obras coletivas, este livro tem também uma história. É um dos resultados de uma rica e frutuosa cooperação universitária luso-brasileira entre a Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, e a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, de Lisboa. Na sua gênese, está a realização de um curso de capacitação pedagógica para docentes universitários realizado em Lisboa, na Universidade Lusófona, que contou com a participação de professores brasileiros que têm dedicado parte da sua atividade acadêmica a questionar os modos da docência universitária. As versões

escritas dos seus contributos nesse curso estão aqui reunidas e disponibilizadas para um público mais amplo, tanto de docentes quanto de estudantes, preocupados com a qualidade da formação universitária.

O primeiro texto, de António Teodoro, “Ensino superior: tendências e desafios no caso português”, apresenta inicialmente um esboço de periodização da “rápida e dramática” expansão do ensino superior em Portugal nos últimos trinta anos, num contexto de profundas mudanças sociais e económicas verificadas no decurso de uma renegociação do lugar desse pequeno país europeu (e ibérico) no sistema mundial, para finalmente indicar um conjunto de seis problemáticas que constituem outros tantos desafios à decisão nesse campo das políticas públicas.

O segundo contributo, “Aprender e ensinar: significados e mediações”, de Óscar C. de Sousa, convida o leitor a entrar, de uma forma esclarecida, “no mundo maravilhoso da aprendizagem e do desenvolvimento”, apresentando de forma acessível, mas rigorosa, algumas teorias sobre aprendizagem. Sousa lembra:

As aprendizagens que hoje são propostas [...] são formulações de descobertas, relatos e elaborações que levaram anos para constituírem-se como corpo de conhecimentos.

E assim desafia o professor a ser um mediador entre a comunidade, os saberes e o aluno.

No terceiro texto, “Docência e autoridade no ensino superior: uma introdução ao debate”, Maria Lucia Vasconcelos, depois de detalhar o conceito de *autoridade* e situá-lo, desafia o docente universitário a construir a sua autoridade na sala de aula com base no diálogo:

O diálogo permite a oposição de ideias, mas que, por isso mesmo, estabelece uma comunicação efetiva, em que alunos e docente têm o mesmo direito à iniciativa, à dúvida, à contraposição de argumentos; em que, juntos, constroem o trabalho educacional e juntos aprendem.

Marcos T. Masetto, em “Docência universitária: repensando a aula”, procura responder à seguinte questão: “nestes tempos, qual é o novo papel dos professores universitários [...]?”. No texto, o autor propõe um novo conceito de *sala de aula universitária*:

[...] espaço e tempo durante em que os sujeitos de um processo de aprendizagem (professor e alunos) se encontram para, juntos, realizarem uma série de ações (na verdade, interações) [...] –

e apresenta um conjunto de técnicas simples capazes de dinamizar o trabalho de ensino e de aprendizagem na universidade.

O quinto e último texto, de José B. Duarte, intitula-se “Participação ou tédio na universidade: um modelo crítico *versus* um modelo dogmático”. O autor, com base em uma obra clássica de Marcel Lesne sobre os *modos de trabalho pedagógico*, insiste num modelo de parceria entre professor e estudantes, em que o papel do professor é, sobretudo, o de mediador, que exerce, em todas as situações, uma atitude crítica ante o saber e a sociedade.

As comunidades acadêmicas constroem-se no debate e na interação científica. Este livro, agora em sua terceira edição, que nasceu de uma iniciativa conjunta de duas universidades, constitui uma pequena demonstração das imensas potencialidades de cooperação na construção de uma comunidade solidária de povos e países de língua portuguesa.

António Teodoro e Maria Lucia Vasconcelos

A presente coletânea é resultado de uma frutífera cooperação de pesquisadores brasileiros e portugueses, envolvidos com a docência no ensino superior e a conseqüente formação continuada dos professores universitários. A explosão da frequência no ensino superior – uma conquista social dos ideais democráticos modernos – trouxe novos públicos aos bancos escolares, tornando esse ensino uma realidade qualitativamente distinta com a qual todos (decisores políticos, gestores, professores e estudantes) devem aprender a lidar. Essas preocupações motivaram e nortearam os temas abordados nesta obra.

